

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DA ASSIGNATURA

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 1,500 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
 FORA D'AVEIRO: anno (50 n.º) 1,5125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

OS FARÇANTES

E' triste, tristissimo, principalmente para nós os republicanos, o estado do paiz, que se vai agravando de dia para dia. A monarchia está agonizante, mas se isso nos alegra por um lado, entristece-nos pelo outro porque essa agonia arrasta doidamente consigo as forças vitais d'esta pobre nação, que era realmente digna de melhor sorte.

O partido republicano ha de ser levado um dia ao poder pela força logica dos acontecimentos. Que fará elle então, ou antes, o que poderá fazer? E muito difficil prevê-lo. Chegámos mesmo a crer, nos momentos tristes em que chegamos até nos os echos dos clamores indignos que soltam os abutres monarchicos lançados sobre a a sua presa, que será tardio todo o socorro e todo o intento de salvação.

Esse partido não encontra, ao tomar o leme do Estado, uma nação cheia de vida e vigor, activa e trabalhadora, prompta a acompanhá-lo em todas as suas nobres aspirações; encontra um paiz pobrissimo, empenhado até os olhos, com a desordem em todas as repartições, com a immoralidade em todos os empregados, com a indisciplina por toda a parte; encontra a anarchia, um cahos, quasi um cadaver que só se poderá fazer voltar á vida por meio de violentissimos choques electricos.

Então virão os remedios extremos, applicados com despreendimento e sem compaixão, e ninguem se queixe d'elles, porque lá diz o ane-

xim—*Para grandes males grandes remedios.* A nação será a culpada d'esses recursos extremos, diz-mo-lo com toda a franqueza porque não gostamos de meias palavras, visto ter assistido, estes annos atrás, com os braços cruzados a todas as poucas vergonhas que se teem commetido.

Hoje ergue-se indignada contra esses farçantes especuladores e miseraveis que sem pejo nenhum andam azafamados na tarefa indigna de lhe sugarem a ultima gota de sangue, mas era muito melhor que o tivesse feito ha mais tempo. O arrependimento lava os peccados, é certo, mas a maior parte das vezes não chega a reparar o damno que estes causaram e é esse o nosso maior receio nas actuaes circumstancias. Não somos cumplices n'esse grande crime, diz-no-lo a consciencia, porque temos estado sempre no nosso posto a indicar ao povo todas as infâmias e todas as illegalidades.

Que attenda bem agora mesmo n'essa farça indecente, que para ahí se está representando.

Que não se esqueça do procedimento villão do parlamento e do ministerio.

Que note bem as palavras dos ministros e os seus actos parlamentares, em todas as questões que se teem travado este anno nas camaras, principalmente na chamada do syndicato, e estude-as com cuidado que deve tirar conclusões preciosas.

Assim o sr. Fontes, o grande estadista, teve o arrojo de declarar ha dias nas camaras que foi primeiramente hostil ao syndicato.

Era hostil ao syndicato e quando organisou o ministerio não expulsou o sr. Hintze Ribeiro, que se achava ligado por grandes compromissos a essa desgraçada ques-

tão e chamou para o seu lado o sr. Serpa Pimentel, mais interessado do que ninguem em que ella triumphasse.

Era hostil ao syndicato, declarou-o em conselho de ministros, mas como dois d'estes, ou pelo menos um affirmasse que punha a sua pasta em cima d'elle, sua excellencia curvou a cabeça, não resistiu tenazmente como lhe competia, nem pediu a sua demissão e apresentou o projecto ás camaras.

Que vergonhas, que miserias!

E tem um ministro a coragem tola de declarar n'um parlamento que defende um projecto, que, na sua consciencia, sempre teve por mau, e esse parlamento não corre com o ousado, que assim tão levemente calca aos pés as praxes parlamentares e as proprias instituições!

Mas o parlamento ouviu essa declaração em silencio, porque já está costumado a soffrer cousas peiores e o sr. Fontes quando falou assim bem sabia com quem tratava.

N'outro dia, por exemplo, o sr. visconde de Chancelleiros, que perdeu ultimamente a sua costumada intransigencia, apresentou na camara dos pares duas emendas ao projecto de lei do syndicato. Essas duas emendas, que haviam sido forjadas d'accordo com o sr. Hintze, foram immediatamente acceitas pelo governo. Ora é preciso saber-se que essas emendas já haviam sido apresentadas na camara dos deputados pelo sr. Dias Ferreira, e o governo, que então ainda suppunha trilhar uma estrada de rosas, ordenou n'essa occasião á carneirada mansa da maioria, que as rejeitasse.

rulheira furiosa de ferraduras asperas ferindo o chão, e tristonhos chocalhos vibrando pelo ar fóra, em alegrias ou lamentos de bebedeira sonora. Anoteceu. A paisagem, d'ambos os lados, passava sinistramente em grandes manchas negras, tenebrosas; e ás vezes a locomotiva sanguinaria furava com a grossa facada d'um clarão rubro a cerrada obscuridade dos pinheiros. Sempre isto, monotonamente.

Porém, passada a estação pacata de Coimbra, um ruido extraordinario chamou ás partinholas, sob o ar fresco da noite, os viajeiros dorminhocos. Alastrava-se por alli o choupal accidentado, que um levisimo luar, coado a custo pelas nuvens apertadas, tingia vagamente de tons empardeçados. Com as ultimas chuvas, o Mondego andava alto, e com cuidados de regador violento, espalhava por uma parte e por outra, bracinhos d'agua raiosos que ás vezes ferviam roucamente em cachoeiras revoltas por entre os troncos resistentes. Subitamente, uma longa clareira abriu-se no meio dos arvoredos amontoados; e toda ella estava inundada de pacificas aguas torvas, que espelhavam debilmente as sombras dos choupos esbeltos perfilados em ródia.

Alli, n'aquelle comprido espaço desaffogado, por onde bocejava apenas o luar fresco, um grande concerto subia em harmonias acres intermeiadas de longos trilos de-

leitosos, dominando com vantagem o barulho desabrido do comboio ropando. Milhares de rãs,—talvez milhões! —coaxavam misturadamente, em fortes vozes que se desentranhavam em melancolias, sarcasmos, tristezas, apupos, e alegrias; e contrastando com as suas gritarias persistentes, rouquejantes e confusas, subia a espaços no ar satisfeito, com um vôo de harmonias divinas, a canção aguda e retorcida em florituri languorosas d'um ou outro rouxinol perdido pelas ramagens silenciosas, escutando enlevadas n'um socego solemne...

Pouco a pouco, com a marcha barbara do comboio, este concerto maravilhoso foi-se apagando na distancia; mas os viajeiros encantados podéram gozar ainda, ao passar sobre a ponte barulhenta, o espectáculo esplendido de Coimbra levantando-se, lá em cima, encostada soberbamente á sua collina rapida, e accendendo intensamente na treva hesitante, por entre as casarias sobrepostas com brancuras duvidosas, centenares de luminosos olhos d'ouro, repetidos e complicados, e cuja incandescencia pittoresca vinha desenhá-los em baixo, no largo rio manso, grandes reflexos que se alongavam e confundiam em tremuras extravagantes. E tudo isto formava, confesso, um immenso panno de scenographia de magia incomparavel!

Deixem lá; ainda se não inven-

tae para a camara dos pares e como viu o caso mal parado, ordena a um dos seus homens que apresente exactamente aquillo que repelliu na outra camara e abraça pressuroso o que primeiro achara mau. Todo o paiz pasmou do caso, que não era para menos, e a camara dos deputados tão indignamente esbofeteados, ficou tranquilla e sosegada, sem lavar nenhum protesto. Pois bem, quando todos os sentimentos nobres assim cahem na lama das ruas, quando a dignidade desaparece nos esterquilinios, acabaram-se as considerações de toda a especie.

Aquillão é camara, é taverna.

Por outro lado, o governo, que ainda ha pouco carregou de impostos a nação sobre quem já pesavam tantos, addia indefinidamente as camaras, que ainda não approvaram nenhum projecto importante, excepto o do syndicato que é importante para o rei e para a sua gente e que já foi approvado n'uma e ha de o ser na outra, e arranca d'este modo 500:000 rs. diários a este pobre povo a quem dez reis fazem falta para comprar pão.

Por outro lado, ainda, inclue no orçamento rectificativo um augmento de 150 contos para concertos de egrejas!

Não bastava o que para os taes concertos está determinando no orçamento geral, lá vae mais aquella continha, que, afinal, não é tal para concertos mas sim para todas as maroteiras em que elles o queiram gastar. O concerto é pretexto, e ainda que o não fosse, cahir por cahir, antes caiam as egrejas que a patria. Lá foram tambem 80 contos para a camara de Lisboa e assim seguidamente. Os 2:700 contos dos novos impostos já vão to-

tu nada melhor do que a poesia —quando não é em verso.

Com a sua excentricidade propria, o zigue zague enrosca-se agora n'um assumpto um pouco mais rude, e sobretudo muito mais prosaico,—pelo motivo bem simples de que se trata justamente de prosa.

Da prosa de Leite Bastos, um demonio de romancista que o meu bom leitor aveirense conhece deerto desde ha muito. Aquelle homem tem-se desfeito em romances espectaculosos, terriveis, feros e violentos, cuja leitura emponente e convulsionante lhe deu ao nome uma popularidade enorme, e lhe caracterizou a personalidade com o sobrenome phantasia de Terrail portuguez. Mas isto escangalhou-lhe tambem um pouco as costellas gastas em excessos de trabalho, na sua labuta continua de carpintear cousas impossiveis; Leite Bastos sente agora a necessidade de se ir restabelecendo sensatamente e moderadamente no labor de alguns romances, em que o cerebro se dá ao incommodo de caminhar devagarinho, sem loucas correrias imaginosas, e, pelo contrario, entregando-se de passagem, para entreter, ao seu bocadinho d'análise da vida tal qual ella é...

Assim nos deu elle agora os sapatos de defunto,—que são tam-

dos por a agua abaixo e o deficit ha de continuar a crescer, a crescer desmedidamente.

Farçantes, farçantes, que não teem outro nome.

ESBANJAMENTOS E REFORMAS

III

Eu tinha dito, ao principiar estes artigos, que os generaes do exercito portuguez nem para acompanhá-lo rei n'uma festança qualquer servem, porque já não podem montar a cavallo.

Assim é. Estão inutilizados phisica e intellectualmente, como é do dominio de todos, porque ninguem se esquece da figura ridicula que eiles phisicamente fazem quando ha uma parada qualquer, nem da que intellectualmente fizeram nos diferentes exercicios importantes, que se teem dado até hoje. De maneira que por esse lado escusamos de contar com o nosso exercito para nada. Mas os officiaes superiores, de major até coronel, não estão em melhores circumstancias. Se hoje houvesse uma campanha, viamos-nos na triste necessidade, em que já nos temos visto em outras occasiões, de ir procurar lá fóra officiaes superiores porque os de casa tinham de ser postos de lado como inuteis, e ainda assim não podiamos deixar de promover com prejuizo os capitães habeis e distinctos, que se encontrassem. E seria esse procedimento digno e regular? De modo algum. Para vergonhas basta aquellas porque temos passado.

O unico meio de obstar a esse perigo gravissimo seria:—uma lei de reformas bem estabelecida e um exame serio para o posto de major. Pela primeira removia-se o in-

termeio primeiro livro editado pela prometteadora Bibliotheca portugueza do «Occidente».

É por consequencia uma obra de transição, e que fatalmente se resente da fabrica litteraria que produziu as obras anteriores, de Leite Bastos; mas vê-se já perfeitamente como elle, querendo; com o seu grande talento pessoal e incontestavel e com um pouquinho mais de estudo aturado, pôde ser um bom romancista moderno.

Os sapatos são curiosamente illustrados por Manuel de Macedo (gravuras de Alberto) com innumerables desenhos espalhados por entre o texto irrequeto; e isso lhes dá mais uma feição alegre e interessante.

E depois d'esta ultima novidade litteraria, poderia dar igualmente as ultimas novidades theatraes, fallando proficentemente das celebridades francezas do Gymnasio, e da companhia italiana d'opera comica, que nos Recreios está fazendo o encanto—barato do lisboeta encalmado; mas prefiro,—e com razão, parece!—ir deixando cair quanto antes sobre o papel humilde o somnolento borrão do ponto final.

MONTEIRO RAMALHO

FOLHETIM

ZIGUEZAGUE LISBOETA

Fallar-lhe-hei, meu caro, d'uma impressão de viagem, que um delicioso desenho de Luiz Bastos, publicado no ultimo numero da elegantissima *Chronica Illustrada*, me veio avivar.

Desenho primoroso e delicado em que os choupos lendarios das margens do Mondego, erguem airoosamente as suas bellas manchas esguias, reflectindo sombras tremuladas na quietação extensa das aguas; desenho impressionavel que singelamente me recorda uma paisagem interessante, ligada um tanto,—ou antes, absolutamente,—com a minha estada ahí, na encantadora patria de José Estevam e dos ovos molles.

Quando em Aveiro entrei no comboio, havia ainda; lembra-se? uma claridade parda de crepusculo impregnado de humidades e miudanças chuvinhas. O comboio veio rolando por ahí abaixo com a pachorra sabida,—que obriga a gente a lembrar-se com saudade dos bons tempos em que vinham por essas estradas, menos boas, as grandes réguas de machos dos almoceves famosos, trotando todos—almoceves e machos,—n'uma ba-

conveniente da impossibilidade phisica, aceleravam-se as promoções e por conseguinte despertava-se no officialato o estímulo e o amor ao trabalho, que resultam geralmente da boa remuneração; pelo segundo davam-se ao exercito excellentes officiaes. E não se julgue que essas duas medidas constituiriam novidade, porque ellas acham-se em vigor ha muitos annos nas mais adeantadas nações militares. A lei de reforma é impreterivel, é muitissimo necessaria para eliminar uma vellada senil, que mata o exercito pela falta dos requisitos necessarios no commando e que difficulta o passo aos homens novos que querem trabalhar; e o exame severo para o posto de major não é menos impreterivel, porque é essa a unica maneira de acabar com essas nullidades, que nos suffocam. Hoje o tal exame é uma perfeita borracheira. Exige apenas conhecimentos da ordenança, que o official deve desenvolver no campo, commandando um regimento; mas pode não saber nada, dizer muita tolice, que nem por isso ficará reprovado. E tudo, porque? Porque no exercito portuguez não querem officiaes instruidos, que saibam estrategia, fortificação, historia militar, que andem, em dia, com todas as campanhas estrangeiras e com todas as manobras em tempo de paz, etc. Esses, são denominados *doutores*, por troca. Pois não se esqueçam os *trocistas*, que a França tambem chamava com desdem *doutores* aos officiaes prussianos, antes de 1870, e afinal os *doutores* deram-lhe uma sova de que ella se ha-de lembrar durante toda a sua vida e agora, que se está preparando para a desforra, já não quer tambem senão *doutores*. Se passarmos dos officiaes aos soldados, não encontrámos cousa melhor, como é naturalissimo. Estes, coitados, nem o nome sabem a arma que usam. E a respeito de disciplina não fallemos, que é melhor.

Já que tocámos em armamento diremos que não ha nada peor do que aquelle que possui o nosso exercito. A espingarda da infantaria, em que se esbanjaram centenaes de contos segundo é voz publica, é pessima. O exercito ficaria desarmado n'um instante, se agora tivéssemos guerra, porque a espingarda dos infantés estaria inutilizada no fim de duas horas de fogo.

Ora por todas estas considerações que temos feito, e que são verdadeiras, já o leitor vê como se gastam 5:000 contos aproximadamente, isto é, em que se empregam uma das verbas mais importantes da nossa despeza orçamental. Não de concordar connosco, em que com 5:000 contos podiamos e deviamos ter muito mais e muito melhor, e por conseguinte a maior parte d'esse dinheiro é esbanjado. D aqui não ha fugir. O exercito portuguez tão mal organizado, tão mal instruido, tão mal armado e mesmo tão mal remunerado não pode dispendir annualmente 5:000 contos, e se os dispende é sem ordem, sem regularidade, sem economia nenhuma e d'esse crime de lesa patria são reus todos os partidos monarchicos, que, por essas e outras, nos tem levado ás portas da miseria e da banca rota.

Se compararmos o que gasta o exercito portuguez com o que gastam os exercitos magnificos d'outras nações, principalmente os d'aquellas que tem pouco mais ou menos os mesmos recursos e a mesma extensão territorial, que nós temos, ficamos pasmados da desproporção da despesa em desfavor nosso.

Assim a Suissa gasta com o seu excellent exercito pouco mais de metade do que gastamos com o nosso. Não tem exercito perma-

nente, é verdade, mas n'um momento ergue duzentos e tantos mil homens bem armados, bem disciplinados e perfeitamente instruidos. Os seus officiaes, bem pagos, em lugar de viverem na indolencia como os nossos, trabalham na instrucção da população, nas obras de defeza, nos levantamentos, no ensino militar infantil, nos relatorios das suas commissões etc.

A Suissa consegue assim ter bons soldados e bons officiaes, por pouco mais de metade d'aquillo por que nós conseguimos ter maus officiaes e maus soldados.

E gritem depois contra os exercitos não permanentes e contra a Republica.

No proximo artigo fallaremos sobre algumas das outras despesas orçamentais.

LUIZ DA SILVA

COISAS DO PROFESSOR PRIMARIO

Agora desculpa-me que não me posso demorar mais; são horas de abrir a aula. Adeus X. desejo-te boa sorte.

— Adeus Z. Não tive coragem de dar um abraço de despedida no meu amigo, que tanto ao contrario d'outro tempo, com o mesmo ar triste e frieza se despediu de mim.

Cada um de nós seguiu para seu lado. Pela minha parte encontrei um cidadão que me pareceu homem de bem; e tal tinha sido a commoção sentida pelas impressões que recebi do pobre professor, que, levado d'uma resolução espontanea, dirigi-me sem mais preambulos ao recém apparecido e enecto com elle a conversação nos seguintes termos: — O meu amigo e sr. ha de desculpar-me a ousadia; eu tinha um certo negocio a tratar com o professor d'esta terra, mas antes d'isso desejava ter algumas informações do seu procedimento; o que me pode dizer v. sr. sobre este assumpto? — Oh! meu caro senhor, disse o honrado cidadão, eu sinto o não poder-lhe prestar para mais; a isso lhe satisfago eu em duas palavras, e é o seguinte: O nosso professor é um honrado homem, tanto pelo desempenho de seu cargo, como por todo o seu procedimento.

— Mas... elle, coitado, parece-me que está muito pobre?... — O meu amigo, não encontra n'aquelle homem senão a honradez e desempenho de qualquer serviço que lhe incumba.

— Bom. Muito agradeço. E sem mais promeneiros demo-nos as mãos em despedida. O meu fim era explorar se a commiseração que tanto de mim se tinha apoderado pelo pobre professor influa do mesmo modo no animo d'aquelle povo; mas o honrado cidadão esquivou-se em penetrar no interior da modesta familia. Não parou pois aqui a minha curiosidade e perguntando onde morava o professor dirigi-me a casa d'elle. No momento em que eu chegava á humilde choupana entravam dois meninos que teriam de idade, um 7 annos, outro 9, pouco mais ou menos. Os seus andrajos consistiam em umas ceoulitas de panno cru, lavadas, e uma jaquetinha de cotim zelosamente arremendadas aqui e alli. Entroquei os meninos e estes logo confirmaram as minhas presumpções acerca de suas individualidades. Eram os filhotos do professor; um d'elles, o mais pequeno carregava em sua tenra cabeça um cestinho de vergas cheio de pinhas secas, o outro levava um freixinho de ramos secos e frança caídos dos pinheiros. Via-se em sua phisionomia o rachitismo proveniente de inanição, mas em compensação sobre-saiam-lhes traços salientes d'intelligencia que me encantaram. Convenientemente educados e acostumados a pensar responderam-me ás minhas perguntas de curiosidade, suscitadas pela penuria que via, com muita graça e acerto. Para disto, no tocante ao estado de pobreza, o mesmo animo, frieza e desinteresse pelas coisas do mundo, era-lhes visivel como no pae: As victimas habituaes ao supplicio, disse eu.

guir anniveado pelo triste madre, me como phantasma, caminhava na minha frente representando-me a vivos traços os sinistros vultos lividos de fome, dos pobres entes em questão... Entre outras divagações atentava nas seguintes considerações: Os Jesuitas deprimiam a instrucção; a nobreza dava-lhes a mão porque as suas conivencias a retrogradação dos povos; miseria!... tanto mal, tanta oppressão contra os seus semelhantes, contra os seus proprios irmãos; tudo movido por cego egoismo que só lhes rava o abismo em que se atiravam envolvidos no lodagal de horrificante vergonha!... bril sinistro que assignala na historia dos seculos as trevas densas em que se envolve o nome d'esses desgraçados!... O Marquez de Pombal encarregou-se de fazer recambiar a bala com duplo acrescimo de força. É verdade que este foi menos barbaro para elles: Estes queriam escravos, queriam o supplicio prolongado, queriam trevas perpetuas. Pombal não possuia tal indole, não era mau. O seu fim era acabar com os patifes; exterminar d'uma vez para sempre o flagelo da humanidade. Vibrava o raio com que fulminava rapido. O seu nome na historia do mundo será um ponto luminoso, que jerramara luz sobre todos os povos vindouros. O castigo para o mal; o premio para o bem.

Os espiritos lucidos ficavam embrioados por temor das fogueiras da inquisição. Desenvolveu-se o progresso da instrucção. Escreva quem quizer; aprecie-se o util e despreze-se o que não presta.

O numero das escolas primarias tem crescido successivamente. Difficilmente se os exames aos professores. Bem entendido; quer-se o progresso no ensino; progresso, progresso, mil vezes progresso em tudo!... Mas o ordenado, este rachitico, este parasita do diabo... escaudou o bucho e não cresce!... (expressão vulgar.)

(Continua)

CARTAS

Lisboa 30 de junho.

Nada menos de tres manifestações republicanas, pacificas, mas imponentes se reproduziram n'esta semana e que vêem provar a impotencia e o desprestigio do partido monarchico, na capital. A ultima d'estas manifestações teve logar ha poucas horas e cobre de ridiculo o governo d'el-rei. Os nossos correligionarios e amigos, victimas do despotismo judicial que os encarcerou no Limoeiro durante dez dias pelo crime de dirigirem a associação *Fernandes Thomaz*, deviam ser postos em liberdade hoje pelas 9 horas da manhã, segundo um mandado que já havia do juiz. Alguns amigos d'aquelles cidadãos prepararam-lhes uma simples manifestação de regosio e que deveria consistir em os acompanhar em carruagens desde o Limoeiro até suas casas. Uma cousa simples e que não abalava em nada as instituições! Mas o governo d'el-rei sabendo d'isto, aterrorisou-se e faz com que o director da cadeia seja inteirado para soltar os presos a meia noute, isto é faltando-lhes ainda mais de meio dia para completarem o tempo de prisão em que haviam sido condemnados. Esta ordem era absurda, porque a prisão não podia ser aberta aquellas horas; mas o director intimou os nossos amigos a que sahissem pelas 5 horas da manhã e elles assim o fizeram; deixaram pois de estar no Limoeiro mais umas 8 ou 9 horas como lhes cumpria. Generosidades do integerrimo sr. juiz, cunhado do sr. Arrobas.

E clamam e berram como possesos que a monarchia em Portugal está forte e segura e que a republica nunca virá, pois que a monarchia é indispensavel á vida d'este paiz! E depois de todas estas affirmações, têm medo, os governantes, de que alguns cidadãos vão em carruagens acompanhar uns seus amigos que saem do Limoeiro! Como toda esta farça é ridicula!

O facto da saída dos nossos amigos espalhou-se logo e a grande maioria dos manifestantes não compareceu. Ainda assim algumas carruagens e dois *char-à-bancs*, com alunos e membros da associação escolar *Fernandes Thomaz*, percor-

reram as ruas que vêem do Limoeiro até a casa do dr. Castello Branco Saraiva onde elle estava com os seus companheiros, a quem foi feita uma ovação. No proximo domingo é-lhe dado um grande jantar no *Hotel Tejo*, a Pedrouços. Intimarão o governo o dono do hotel para que não sirva o jantar? E' capaz d'isso; está com a veia do disparate.

Foi tambem distribuido um manifesto energico e dignamente escripto e assignado por perto de 300 membros da associação escolar *Fernandes Thomaz*, em que estes cidadãos honrados e leaes correligionarios protestam contra a prisão arbitraria dos seus consocios e declararam-se solidarios com elles no crime de que foram accusados, sujeitando-se a todas as responsabilidades.

Ante-hontem era o dia designado para o julgamento do nosso correligionario Silva Lisboa. A abertura da audiencia estava marcada para as 10 horas da manhã.

A essa hora apresentaram-se no tribunal o accusado, as suas testemunhas e o seu advogado, e muitos dos seus amigos e correligionarios e outros cidadãos de todas as classes sociaes, fóra da sala enorme aparato policial e uma força devidamente inuniciada; o juiz só appareceu, depois de ter sido visto a conferenciar com o seu cunhado Arrobas, ao meio dia e um quarto e com as costas cautelosamente guardadas. Era a consciencia que o accusava. O supposto reu estava ali de cabeça levantada, prompto a afirmar novamente as suas opiniões, com a serenidade e desassombro que dá o pleno convencimento de que se é um cidadão independente e de que se lucha a favor d'uma causa justa; vinha acompanhado dos seus amigos e houve um momento de saudação á sua entrada. O juiz, ainda com o remorso da iniquidade cometida na condemnação dos directores da associação escolar *Fernandes Thomaz*, e sabendo que vinha praticar uma outra, comparecia na sala tremulo, preocupado, escoltado pela policia, e tendo pela frente uma multidão indignada. A auctoridade moral do juiz havia desaparecido; não se achou com força de ser n'aquelle dia o julgador pois que se considerava o verdadeiro reu; e mal abriu a audiencia teve de declarar adiado o julgamento, por faltarem duas testemunhas de accusação—dois policiaes civis, um dos quaes estava presente mas houve por bem ou recebeu... ordem para não responder. Parece incrível que se chegue a este estado. O governo, ou tem força para se sustentar a si e á monarchia, ou não tem; n'este caso declina o encargo e não representa estes papeis indignissimos. É um espectáculo torpissimo este; já a justiça perdeu o prestigio. Vae tudo na enxurrada. Ao mesmo tempo que estes factos revelam o descrédito da monarchia, e por isso nós são favoraveis a nós republicanos, tambem provam uma cousa bastante lamentavel e é que este paiz está morto e grande responsabilidade e enormes encargos cabem a quem tiver de dirigir os destinos d'esta decahida nacionalidade. Os monarchicos deixam o paiz n'um estado, que só por muito patriotismo e por muita abnegação é que se pode tentar levantar-o do abatimento a que chegou.

Quando representarão os po-

deres constituidos o 2.º acto? Talvez nunca...

Os progressistas animados sempre da ideia patriótica de escalarem o poder, convocaram para domingo ultimo um *comicio* contra a Salamancada, que se effectuou n'um recinto da rua de S. Marçal. Esteve immensamente concorrido e fallaram diversos oradores progressistas, tomando tambem a palavra Agostinho da Silva e outros individuos que se mostraram defensores da ideia democratica. Alem de serem estes os oradores mais applaudidos, por que punham a descoberto as pustulas dos monarchicos, o *comicio* tomou logo uma feição democratica ao principio, pela apresentação d'uma proposta do nosso correligionario Sabino de Oliveira para que a meza seguida de quem a quizesse acompanhar, fosse d'alli ao Limoeiro visitar os presos directores da associação *Fernandes Thomaz*. Esta proposta foi calorosamente apoiada e a mesa cumpriu esse encargo. Uma força da municipal e a policia não deixaram que a meza fosse acompanhada pelos centenaes de cidadãos que a seguiam, que dispersando-se pacificamente foram ter ao Limoeiro, havendo ali vivas á democracia e aos seus mais distinctos representantes.

O governo conluído com o sindicato e com a maioria da camara dos pares, lá vae tratando de aprovar a Salamancada.

Eis a carta que Victor Hugo escreveu a favor dos judeus russos:

«A hora é decisiva. As religiões moribundas apellam para os meios extremos. O que se pratica n'este momento não é um crime, é uma monstruosidade. É um povo que se torna monstro. Phenomeno horrivel.

Parece que um veu se rompe, e se ouve uma voz dizer: Humanidade! olha e repara. Duas soluções se te apresentam. De um lado o homem avança, com passo lento e seguro, para um horisonte, cada vez mais luminoso: o homem leva pela mão a creança; o homem caminha com o cerebro cheio de esperanza; o trabalho realiza a sua obra; a ciencia anda á busca de Deus; o pensamento vê-o: Deus verdade, Deus justiça, Deus consciencia, Deus amor; o homem confunde-o com as coisas da terra, liberdade, igualdade, fraternidade; o Deus que se procura é a philosophia; o Deus que se vê é a religião; nada mais; nada de contos, nada de sonhos, nada de dogmas; todos os povos são irmãos; eliminam-se as fronteiras; o homem reconhece que a terra não foi ainda possuída; as guerras, cada vez mais diminutas, não têm senão um fim e um motivo: a civilisação; cada pulsão do coração humano significa progresso.

Por outro lado o homem recua, o horisonte é cada vez mais escuro; as multidões caminham a tatear na sombra; as velhas religiões sobre as quaes pesam dois mil annos não têm mais do que contos, outrora engano de creanças, hoje desdem do homem feito; outra accetos pela ignorancia, hoje desmentidos pela sciencia; não deixando ao crente obstinado que traz os olhos cerrados, e os ouvidos surdos, outro refugio além do horroroso. *Credo quia absurdum*; os erros devoram-se entre si, o christianismo martyrisa o judaismo; trinta cidades (vinte e sete segundo outros) estão n'este momento entre-gues á pillagem e ao exterminio; o que se passa na Russia mete horror; ali um crime immenso se pratica, ou, para melhor dizer, uma acção, porque essas populações ex-

terminadoras não têm a consciencia do crime; não estão á altura d'isso; os cultos desceram até á bestialidade; têm a assombrosa innocencia dos tigres, os velhos setulos, um com a Inquisição outro com o santo officio, outro com a Saint-Barthelemy, outro com as dragonadas, outro com a Austria de Maria Thereza, truem sobre o decimo nono e tratam de o abafar; a castracção do homem, a violação da mulher, a insinuação da criança, é o futuro que se suprime; o passado não quer deixar de existir; tem mão na humanidade; e o fio da vida está entre os seus dedos de espectro.

D'um lado o povo, d'outro a turba.

D'um lado a luz, d'outro as trevas.

Escolhei!

Victor Hugo.»

A grande abundancia de original inibe-nos de dar publicidade a todos os escriptos, que temos em nosso poder.

Pedimos desculpa aos nossos collaboradores.

Pedimos a todos os nossos assignantes o obsequio de mandarem satisfazer com brevidade a importancia das suas assignaturas. E' encarregado da cobrança o Sr. Fernando Manuel Homem Christo e toda a correspondencia politica e noticiosa deve ser dirigida ao sr. Manuel Homem de Carvalho Christo, que são, junctamente com os srs. Antonio Ponce Leão Barbosa e Francisco Rodrigues da Graça, os unicos proprietarios d'este jornal como já dissemos.

Notas.—Ensaio de Critica e de Litteratura, pelo nosso distincto correligionario Alexandre da Conceição. Recebemos. É uma produção esmerada de severa analyse e mimoso criterio, que revela bastante cuidado e não vulgar discernimento, o que torna a leitura do livro agradável, sympathica e proveitosa.

Agradecemos a offerta com que nos distinguiram.

As camaras continuam a ser prorogadas a prazos convencionaes. Agora foram-no até ao dia 7. Neste caminhar vão parar ao diabo. E tudo por amor d'aquella monumental e descarada ladroeira do caminho de ferro de Salamanca. O sr. D. Luiz a rir-se de tudo isto, e á espera do dia 9 para ir ao Porto receber a recompensa estrepitosa e mercenaria das suas tractadas fraudulentas. É navegar para o norte de vento em popa.

Reappareceu com o n.º 18 o nosso collega Pero Gallego, que havia suspendido a sua publicação por um diminuto praso.

Seja de novo bem vindo.

Principiou na segunda feira passada o pagamento dos juros das inscrições no cofre central d'este districto.

O regimento de infantaria 18, estacionado no Porto, foi a Guimarães expressamente, para honrar com a sua bellica presença o piedoso acto da collocação da primeira pedra para o monumento ao beatissimo papa Pio IX. O arcebispo de Braga, o maioral d'esta

fanatica solemnidade, despejou-lhe em cima um sacco de indulgencias, benções apostolicas e muitas cousas mais. Que innocente pagode! Como os intrepidos filhos de Marte não haviam de rir de tudo aquillo! O caso não era para menos.

A historia aponta até á presente data a numerosa pleiade de 2:500 imperadores e reis. D'esta ninhada sinistra foram desterrados 299, abdicaram 64, suicidaram-se 20, morreram no campo da batalha 100, enlouqueceram 11, foram tidos como martyres e canonizados 123, foram envenenados 62, foram assassinados 151, foram sentenciados á morte 108.

Safal que bello sudario para um sermão de lagrimas. E da gente fugir.

A indignação popular continua a manifestar-se mais que nunca, contra a tratantada insolente da Salamancada. Já não é só a capital que se precipita em chusma aos grandes comicios, onde se afirma o direito e se verbera o escandalo, são tambem as provincias que se insurgem e levantam para protestar em nome d'um grande principio, contra todas essas miserias nacionaes e dynasticas, que tendem a acabar traiçoeiramente com alguns restos de franquias populares e vislumbres patrioticos que ainda nos restam.

Se o ministerio se não demitte francamente perante a extraordinaria animadeversão publica, que se manifesta em grande peso, é porque esses ministros do sr. D. Luiz, já abdicaram de todo o pundonor, hombridade e senso commum.

É o cumulo do cynismo politico e monarchico.

O nosso patricio e correligionario David Marques Vieira acaba de chegar a esta cidade, onde vem estabelecer-se definitivamente com loja de modas e um variado sortimento de machinas de costura. Por estes dias abrirá ao publico o seu estabelecimento, na Travessa dos Mercadores.

O nosso valente collega da Folha Nova tem zurzido com desassombro e audacia os corvos do jesuitismo, que de novo invadem o paiz com o grosso das suas forças, caminhando systematicamente, com tactica, com disciplina e com aprazimento dos governos monarchicos. Assim, queridissimo collega. E'dar-lhe fogo em toda a linha, e sempre para a frente. Nada de treguas.

Estão ahí uns poucos de guardas do extincto corpo auxiliar das alfandegas a fazerem injustamente serviço moderado. Esses homens são novos, cheios de vigor e de força, e por conseguinte podem e devem trabalhar. Demais accresce a circumstancia de estar a fazer serviço activo um velho de 70 e tantos annos, o que torna o acto mais revoltante. Sabemos que o sr. delegado do thesouro não tem culpa d'essas mandricas, que foram determinadas pela direcção geral das alfandegas, o fóco mais notavel dos mariolas do paiz; mas aquelle funcionario póde protestar energicamente contra um abuso tão revoltante e esperamos que o fará para não sermos obrigados a voltar ao assumpto.

Quem não quer trabalhar demitta-se e durma então á vontade, ou trate dos seus negocios como melhor o entender.

A jogatina continua. O sr. administrador substituto provavelmente tambem tem receio de incommodar os grandalhões frequentadores da batota. Decididamente andam a mangar connosco. Depois queixem-se.

A imprensa monarchica da localidade, que diz para ahí, que nós apenas temos má lingua é d'uma ingenuidade pasmosa e d'uma lisonja pelintra e caturra, quando trata de fazer commentarios laudatorios e apreciações pessoas deslocadas e mentirosas. E ella é em toda a sua candura e beatitude uma velha razzana matreira, que se deixa ir no enxurro sonsamente, comprimentando para um lado e acenando para o outro, prodigalizando um diluvio de adjectivos e soltando um estendel de lérias, badalando invariavelmente na sineta da conveniencia, do charlatanismo e da graça. A tal imprensa sabe viver! Tem a experiencia reservada e finoria d'uma velha desconfiada e semsaborona, ao passo que, por outro lado, mostra-nos uns dentes ferinos e assustadores e uma vitalidade reprimida e gaiata, que dá no golo a muita gente e a muito mariola.

A imprensa republicana, com toda a sua má lingua, porque ataca de frente todos os escandalos com denodo e desprendimento, vale por certo muito mais, pois tem a independencia e a gloria da iniciativa, tem a franqueza alterosa e digna do ataque e não acobardia ignóbil do achatamento e da pieguice, da impotencia contagiosa e fatal.

A nossa imprensa distingue-se em tudo e por tudo da imprensa conservadora.

Consta-nos que do extincto mosteiro de Jesus, d'esta cidade, tem desaparecido alguns objectos valiosos e outros documentos importantes. O sr. vigario geral, perfeitamente sabedor d'estas fraudes reiraticas, tem lançado um veio de misericordia ou antes de cumplicidade sobre as piedosas machinacões d'estas sanctas creaturinhas do Senhor.

Havemos de nos informar conscienciosamente, e então depois falaremos mais á vontade.

Realizou-se na quarta-feira uma reunião d'assembleia geral do Gremio Moderno para eleger um novo presidente, um thesoureiro e um vogal para a direcção. O dignissimo ex-presidente d'aquella associação, o sr. Francisco Augusto da F. Regalla, tinha pedido com toda a instancia a sua exoneração do lugar de presidente, que desempenhou com toda a hombridade e desprendimento, de que deu bastantes provas, e pelo que merece o louvor e sympathia de todos os homens imparciaes e que tem em alguma consideração a prosperidade e engrandecimento d'esta terra.

Pela nossa parte cumpre-nos afirmar bem alto o subido grau de estima e cavalheirismo em que justamente temos este honrado cidadão. Costumamos ser pouquissimo lisonjeiros para com as pessoas a quem temos de fazer qualquer apreciação; mas tambem não podemos regatear sem desdouro algumas palavras de sympathia e adhesão a este nosso amigo, que pelo seu procedimento e iniciativa é credor do interesse que lhe votamos.

Foram eleitos para os cargos em vagatura os seguintes cidadãos. Para presidente Antonio Ferreira d'Araujo e Silva, thesoureiro João Pedro Soares, e para vogal o dr. Joaquim de Mello e Freitas. Esperamos que esta digna associação

continue a compenetrar-se dos fins para que foi creada, ainda mesmo apezar d'uns certos despeitos irritantes e mal reprimidos, que tem teimado desviar-a do seu verdadeiro curso.

O Districto de Aveiro voltou á carga, mas mais mansinho d'esta vez. Explica as taes affinidades como lhe parece. Adeante. A esse respeito já lhe dissemos o que tinhamos a dizer e não gostamos de gastar palavras inutilmente.

Quanto á desordem, pela ultima vez lhe repetimos que não fomos nós que a provocamos. Foram os seus amigos. Nós fizemos a terminar prudentemente e se não fosse isso, dizemos-lh'o francamente, não sabemos como ella seria. Então como diabo é que exaltamos os animos? Censurando asperamente o procedimento do sr. administrador? Insultamo-lo? Não, senhores, logo estavamos no uso plenissimo dos nossos direitos atacando os seus actos administrativos com mais ou menos vigor. Julgavamos que a monarchia nos permitia isso, mas, felizmente, ficámos sabendo que não Dissémos que a desordem corresponderia á desordem? Sim, por certo, se tornasse a haver um conflicto igual ao de sexta-feira, em que os provocadores não tiveram razão nenhuma, e quem não tem razão faz com que os outros não tenham paciencia. Mas não o havendo, como não houve, estava tudo acabado e nós, pela nossa parte, sem recuarmos um passo esforçar-nos-ia-mos porque o não houvesse. O que nunca esperamos foi que o sr. administrador fizesse o que fez. Elle é que exaltou os animos com as suas correrias.

O Districto diz que não leu o nosso numero programma, mas que lhe affiançam que prometiamos n'elle uma grande cordura e uma total isenção de todas as questões de pessoas e de localidade.

Oh! collega, para a outra vez escolha melhor os seus informadores, ouviu? A sua ingenuidade é de pasmar. Como é que havíamos de prometter isenção de todas as questões de pessoas e de localidade? Nesse caso, o Povo de Aveiro seria um jornal alheio em terra alheia e não vinha cá fazer nada. Não comprehendemos como diabo havíamos de deixar de fallar em pessoas.

Então em que queria que falássemos?

Arespeito de cordura parecemos que ainda não faltámos a ella. Só se o collega se quer referir a brandura e toma cordura n'essa aceção ainda que impropriamente.

Olhe, deixe-se d'esses informadores e tome outros. O Campeão, por exemplo, serve-lhe. Esse achou-nos tão mansinhos e tão fora das questões da localidade, que logo em seguida nos pregou uma descompostura d'aquellas de botar-abaixo. Mande-lhe para lá os informadores fallarem-lhe na nossa cordura e verá como veem corridos. E acabe com os espiritos santos d'orelhas, que dão sempre maus resultados. Leia, não se faça creança, e julgue pelo que lê. Nesse numero programma fizemos duas pequenas declarações:—uma com relação á politica geral do Povo de Aveiro e outra referindo-se unicamente ao noticiario.

Na primeira prometiamos apontar os erros e os crimes de todos os serviços da monarchia, deffender os humildes e os fracos, pugnar pelas regalias do povo, fustigar com independencia todos os escandalos sem descer ao insulto grosseiro. Ora indique-nos agora um unico artigo de politica geral,

em que não tenhamos procedido assim.

Na segunda declaramos que o nosso jornal vinha para affirmar incondicionalmente tudo que está na alçada do dominio publico, sem considerações, sem sympathias, sem exigencias egoistas, mas com patriotismo, com franqueza e com desassombro. Então, entrámos santanariamente promettendo isenções, ou rasgadamente intransigentes e severos como continuamos hoje?

Pozemos ou não pozemos os pontos nos ii?

Quanto ao mais, fique certo que não viemos nem para emendar, nem para corrigir, nem para seguir os outros; viemos para proceder como melhor o entendéssemos.

O Districto, na sua resposta, abandona quasi completamente a questão para fugir para o campo das personalidades. Esse systema é mau. Isso é pouco artistico; deixa ao adversario a certeza da estocada.

Quando nos referimos ao Districto no numero passado, alcançámos toda a sua redacção e fallámos em nome de nós todos tambem. Não assimilámos as individualidades de ninguem de fóra. Os redactores do Districto não nos devem pessoalmente favores nenhuns e cá dentro ha quem os respeite pessoalmente e quem lhes reconheça umas certas qualidades boas e até excellentes, apezar do abysmo que nos separa. Mas não queremos tutores, já chegámos á idade da emancipação; estamos no nosso direito. Tambem não nos julgámos superiores a ninguem. Está enganado o collega se pensa o contrario. O que não consentimos é que nos deem certos conselhos soberbos, que estamos no direito de não admitir. Quanto á benevolencia creiam que politicamente nunca a terão, apezar de nada valermos, como a não terá igualmente o outro partido monarchico da terra e nem mesmo os tornaremos a tratar com a deferencia com que o temos feito até aqui. Somos intransigentes; estamos no nosso campo. E passe muito bem.

O Districto diz que não se dá ao trabalho de liquidar as suas responsabilidades, no que diz respeito á violencia de linguagem, e que se não tem n'essa parte por impecavel.

Então se tem telhado de vidro para que atirou a pedra ao do seu visinho? Calasse-se, que era melhor. Querem que sejamos prudentes, nós os croncolas, e elles, os velhos matreiros, são os primeiros imprudentes! Ora, adeus.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o folhetim que hoje publicamos, devido á penna do intelligente escriptor Monteiro Ramalho, que foi escripto expressamente para este jornal; bem como para a carta do nosso correspondente de Lisboa.

O Liberal, de Madrid, conta o seguinte:

«Occorreu hontem em Madrid uma catastrophe terrivel. Uma familia inteira foi victima de uma fatal serie de casualidades.

Este triste episodio da vida contemporanea póde entitular-se Historia de quatro moscas.

Quatro d'estes sympathicos insectos procuravam satisfazer o seu apetite.

A mais velha pousou sobre um salpicão. A segunda sobre um sacco de farinha. A terceira molhou a

trombinha n'um jarro com leite...
Depois que as trez recobravam as perdidias forças, quizeram levantar vôo, resolveram-se durante um segundo com estranho pesadume... e caíram mortas.

O salpicão continha anilina, com que fôra preparado para tomar côr. A farinha estava misturada com gesso. No leite havia cal e outras substancias nocivas.

A adulteração d'estes tres artigos causará a morte das tres moscas...

A quarta mosca, desesperada, cheia de dôr em frente do cadaver das suas irmãs, resolve suicidar-se e lançar-se sobre um papel parda-cento que mostra este letreiro:

Papel Insecticida.

A mosca chupa com avides o fatal veneno; mas em vôo... Torna a chupar desesperadamente, inutil obstinação... Cada vez se sente com mais vida!

O papel para matar moscas tambem estava falsificado!

ANNUNCIOS AGRADECIMENTO

O abaixo assignado, tendo agradecido a todas as pessoas indistinctamente o sentimento que lhe manifestaram pelo passamento de seu presado tio Francisco José Barboza, e podendo da sua parte ter-se dado qualquer falta involuntaria, vem por este meio tornar bem publico o seu justo e franco reconhecimento.

Aveiro 1 de julho de 1882.
Antonio Ponce Leão Barboza.

BANDEIRAS

ALUGAM-SE bandeiras novas, quem nas pretender alugar fale com Rodrigo Miero, rua de José Estevão n.º 64—a 67.

Vende-se algodões, torças, agulhas, óleo e pegas soltas a preços baratissimos

PECAM CATALOGOS ILUSTRADOS COM LISTAS DE PREÇOS QUE SE DARAO GRATIS

OVAR

52-LARGO DA PRAÇA-53

AVEIRO

(Em frente do edificio da Caixa Economica)

75—Rua de José estevão—79

COMPANHIA FABRIL SINGER

SÓ SE VENDEM NA

AS LEGITIMAS MACHINAS DE COSER SINGER

GUIDADO COM AS IMITAÇÕES

As melhores machinas para costura que todo o mundo conhece e que nunca tiveram rival

QUALQUER QUE SEJA A MACHINA NÃO SE PAGA ENTRADA

Machinas para coser, a prestações de 500 reis

semanas

de 500 reis

coser, a prestações

Machinas para



SINGER!

Machinas para coser com 10 por cento menos, a prom-pto pagamento

Arrematação

Pela Delegação d'Alfandega do Porto em Aveiro, se annuncia que no dia 3 do proximo mez de Julho pelas 11 horas da manhã, á porta da mesma casa fiscal se hão de arrematar os seguintes objectos:—Trez vigas de diferentes madeiras—Oito barriz com petroleo—Duas ditas vazias—Sessenta e cinco pranchas de pinho de Flandres e uns bocados de Metal em folha velha,

Aveiro 24 de junho de 1882.

O Escrivão do expediente na Delegação.

José Francisco de Caldas e Brito.

NOTAS

ENSAIOS DE CRITICA E DE LITTERATURA

POR

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

SUMMARY

I Carteira d'um positivista; II Esboços de critica; III Estudos do Natural; IV Carvões.

PREÇO 400 RÉIS

A venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Ourivesaria

9 RUA DA COSTEIRA 9
4.º andar

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos, tanto em ouro como em prata.

Garante-se em todas as obras feitas n'este estabelecimento um preço modico.

Todas as encomendas devem ser feitas a

José Eduardo Mourão

TYPOGRAPHIA DO "POVO DE AVEIRO,"

RUA DIREITA

IMPRESSÕES
A
OURO

AVEIRO

IMPRESSÕES
PRATA

Nesta typographia, recentemente montada, executam-se artisticamente todos os trabalhos concernentes á arte typographica, para o que tem uma escolhida e variada colleção de phantasias e vinhetas modernas. Incumbe-se de todos os trabalhos, taes como: circulares, facturas, bilhetes de visita e de pharmacia, participações de casamento, chancellas, memmurduns, prospectos, procurações, mappas, programmas, editaes, guias e recibos, guias de remessa para o correio etc, etc.

Tambem se imprime a côres, ouro, prata, bronze, etc.

Garante-se a brevidade, nitidez e sobretudo modicidade nos preços.

O preço dos bilhetes de visita é de 400 reis o cento, incluindo o cartão.

SINGER
SINGER

ALGODÃO
TORÇAL

FABRICADO expressamente para as machinas de coser. Vende-se a retalho e por atacado, com bom desconto e a preços baratissimos na COMPANHIA FABRIL SINGER

75 Rua de José estevão 79. AVEIRO

A MARSELHEZA

Em francez e portuguez

Um folheto de 8 paginas, com uma gravura, preço 20 reis. Vende-se,—no Porto, kiosque da Praça de D. Pedro,—em Coimbra, na loja do sr. João Correia d'Almeida,—Pedidos da provincia, a J. B. Rua da Mouraria, 87, Lisboa.—

Precisam-se agentes na provincia.

Conselheiro DO POVO

Manal Pratico dos cidadãos portuguezes para cada um se dirigir e regerer por si, sem dependencia de procradores, nos tribnaes e repartições publicas, segndo as Leis do Reino. Sahiu á luz o 3.º fasciculo d'esta interessante publicação. Acha-se á venda no kiosque do Rocio (lado norte). Custa apenas 120 rs.

Encyclopedia

REPUBLICANA
Revista de sciencias e litteratura ao alcance de todas as intelligencias

Publicam-se duas folhas cada semana, pelo preço de 20 reis cada uma. Para o estrangeiro e possesões ultramarinas acresce o porte do correio. Para fóra de Lisboa pagamento d'antado, um fasciculo de quatro entregas semanaes pelo menos. Toda a correspondencia deve ser dirigida para o largo dos Mestros, 29 e 30 Lisboa, onde tambem se recebem assignaturas.